

PERFIL SOCIODEMOGRÁFICO E AVALIAÇÃO DO CONHECIMENTO DAS PROFISSIONAIS DO SEXO ACERCA DAS IST'S EM UM MUNICÍPIO NA REGIÃO METROPOLITANA DE GOIÂNIA - GO

SOCIODEMOGRAPHIC NUMBER AND EVALUATION OF THE KNOWLEDGE OF SEX PROFESSIONALS ABOUT IST'S IN A MUNICIPALITY IN THE METROPOLITAN REGION OF GOIÂNIA - GO

Osmar Pereira dos Santos¹, Ricardo Cesar Ramalho², Crys Francisca De Oliveira³, Rhafeela Cristina Dias Lima⁴, Aline Aparecida Arantes⁵, Iel Marciano de Moraes Filho⁶

1. Faculdade União de Goyazes. Trindade-GO. Brasil. osmarenfi@gmail.com
2. Secretaria Municipal de Educação de Goiânia - GO. Brasil.
3. Faculdade União de Goyazes. Trindade-GO. Brasil.
4. Faculdade União de Goyazes. Trindade-GO. Brasil.
5. Faculdade União de Goyazes. Trindade-GO. Brasil.
6. Faculdade de Ciências e Educação Sena Aires. Goiás, Brasil.

RESUMO

No mercado da prostituição muitos termos podem ser atribuídos a pessoa que trabalha nesse ramo, como sendo meretriz, profissional do sexo, garotas de programa, concubinas, primas, acompanhantes e prostitutas. O estudo objetivou traçar o perfil socioeconômico e cultural e o conhecimento em relação as IST's das profissionais do sexo atuantes em um município da região metropolitana de Goiânia – GO. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, descritiva de caráter exploratório. A coleta de dados ocorreu entre setembro e outubro de 2015, em um bairro de um município na região metropolitana de Goiânia – Go, onde há uma grande concentração de casas que trabalham com entretenimento sexual. A amostra do estudo foi composta por 18 profissionais de dois estabelecimentos, a média etária das profissionais do sexo era de 25 anos. A maioria tem o ensino médio incompleto. Os valores por programa variaram de 70 a 500 reais, as profissionais do sexo ingressam muito cedo nessa profissão, pois é na idade jovem que elas conseguem uma melhor remuneração por sua vitalidade. O nível de escolaridade e precário facilitando ainda mais a aceitação de trabalhos insalubres como o mesmo.

Descritores: Prostituição; IST; Percepção; Perfil; Prevenção.

ABSTRACT

In the prostitution market many terms can be attributed to a person working in this field, such as prostitute, sex worker, program girls, concubines, cousins, escorts and prostitutes. The study aimed to outline the socioeconomic and cultural profile and knowledge regarding STIs of sex workers working in a city in the metropolitan region of Goiânia - GO. This is a qualitative, descriptive exploratory research. Data collection occurred between September and October 2015 in a neighborhood of a municipality in the metropolitan region of Goiânia - Go, where there is a large concentration of houses that work with sexual entertainment. The study sample consisted of 18 professionals from two establishments, the average age of sex workers was 25 years. Most have incomplete high school. The values per program ranged from 70 to 500 reais, sex workers enter very early in this profession, because it is at young age that they get a better remuneration for their vitality. The level of schooling and precarious facilitating even more the acceptance of unhealthy jobs as the same.

Descriptors: Prostitution; STI; Perception; Profile; Prevention.

Como citar: Santos OP, Ramalho RC, Oliveira CF, Lima RCD, Arantes AA, Moraes-Filho IM. Perfil sociodemográfico e avaliação do conhecimento das profissionais do sexo acerca das ist's em um município na região metropolitana de Goiânia - GO. Rev Inic Cient Ext. 2019; 2(2): 13-20.

INTRODUÇÃO

Tratar a sexualidade é estar diante de um complexo de dimensões que permeiam as áreas: humanas, biológicas, psicológicas, sociais e antropológicas. Onde está envolvida a busca do prazer, com a finalidade pro criativa, que se baseia na comunicação ocasionada por encontros de caráter amorosos entre seres humanos em cada circunstância ou momento vivenciado.¹

A origem da palavra prostituição vem do latim *prostituere* que significa “expor livremente”: *pro* – na frente, *statuere*– colocar. A prostituição acompanha a sociedade desde os primórdios da civilização e ainda hoje a prática e abundantemente difundida na sociedade, o fato desse crescimento nos traz a questão da disseminação das Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST's) dentro da sociedade.²

No mercado da prostituição muitos termos podem ser atribuídos a pessoa que trabalha nesse ramo, como sendo meretriz, profissional do sexo, garota de programa, concubinas, prima, acompanhante e prostituta. A história da prostituição no Brasil teve início durante o período de colonização aonde os colônios que vieram para o país, mantinham relações sexuais com as índias da terra. As escravas da época se prostituíam para seus senhores, as mesmas usavam trajes provocantes para chamar atenção dos homens, expondo seu corpo, as casas de prostituição funcionavam como lugar de fuga da sociedade que era precedida de valores e imposições morais.³

Ainda na contemporaneidade os estudos afirmam que a cada ano, apresenta-se um aumento significativo de profissionais na área, estando à frente as cidades Brasileiras de Fortaleza entre os quatro centros do tráfico de mulheres no Brasil, perdendo apenas para São Paulo, Rio de Janeiro e Goiânia.⁴⁻⁵

Em 2002, as profissionais do sexo, foram reconhecidas como uma profissão e logo uma forma laboral, pelo Ministério do Trabalho, recebendo a denominação designada pela Constituição Brasileira de Operações (CBO) sobre o número N° 5198 de prestador de serviço. O projeto de lei n° 98 de 2003 do Sr. Fernando Gabeira, dispõe no artigo 1° sobre a exigibilidade de pagamento por serviço de natureza sexual.⁵

Em consonância a profissão quando associado aos atendimentos de caráter sexual com múltiplos parceiros associado ao não uso de preservativos logo, aumenta significativamente os casos de IST's. Contudo essas infecções são consideradas de alta disseminação, e que por sua vez podem ser transmitidas por meio do ato sexual e fazem com que as profissionais do sexo estejam mais expostas a contaminação.

Nesse sentido, o estudo buscou-se traçar o perfil socioeconômico e cultural e o conhecimento em relação as IST's das profissionais do sexo atuantes em um município da região metropolitana de Goiânia – GO.

O mesmo se justifica devido indiscutível relevância do uso dos preservativos para evitar o contágio de doenças e a disseminação, principalmente entre as profissionais do sexo que lidam com vários parceiros desconhecidos em suas práticas laborais diárias. As IST's são consideradas, um problema de saúde pública comum em todo o mundo, em ambos os sexos, tornando o organismo mais vulnerável a outras doenças, inclusive a SIDA, além de serem diretamente relacionadas com a mortalidade materna e infantil.

METODOLOGIA

Trata-se de pesquisa qualitativa, descritiva de caráter exploratório. A coleta de dados ocorreu entre setembro e outubro de 2015 em um bairro de um município na região metropolitana de Goiânia – Go, onde há uma grande concentração de casas que trabalham com entretenimento sexual. Os critérios de inclusão foram as profissionais do sexo que estavam presentes na hora da coleta e se propuserem a participar do estudo. Diante da dificuldade de acesso, abertura e aceitação para o estudo, obteve-se a permissão de duas casas de prostituição para a realização da pesquisa. Com isso, 30 profissionais do sexo de duas

instituições sendo 15 de cada compuseram a população inicial da pesquisa. A amostra do estudo fora composta de 18 profissionais.

Com a finalidade de garantir a privacidade das pesquisadas, os dados foram coletados no horário de trabalho e no local onde elas exercem a função. Primeiro foi entregue o Termo de Consentimento e Livre Esclarecimento (TCLE), onde as entrevistadas receberam orientações sobre como seria o estudo, a finalidade do mesmo, e sobre a confidencialidade dos dados coletados.

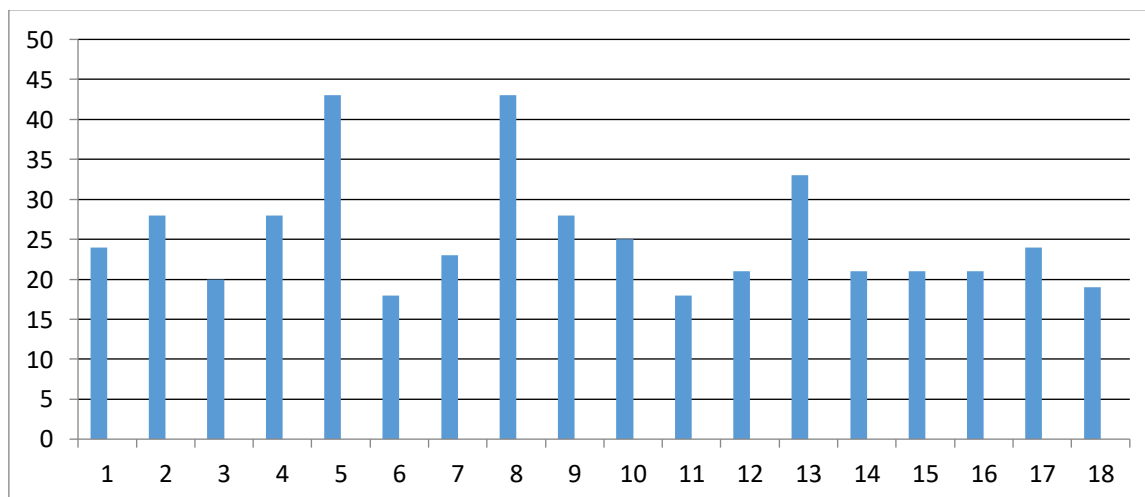
Para a coleta de dados, utilizou-se um questionário de dados socioeconômico e cultural concedido pelos autores com perguntas de caráter abertas e fechadas que tratavam: da idade, sexo, escolaridade, da maneira que se reconhecem dentro do ambiente profissional, tempo que exercem a profissão, satisfação remunerária, uso de preservativos, a incidência de IST's, frequência de procura e modo de esclarecimentos a agravos relacionados a profissão.

As variáveis sociodemográficas e culturais foram tabuladas e analisadas no programa Microsoft Excel versão 2018 para Windows.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A prostituta é a maior antítese que poderia traduzir a imagem ideal da mulher/mãe/esposa. É como uma roupa vestida ao avesso. Sem estudá-la, a imagem da mulher em nossa sociedade e seu perfil na história será sempre apenas a feição de um mesmo lado⁵. Das variáveis sociodemográficas, 100% das profissionais atuantes na prostituição são do sexo feminino e a faixa etária varia entre 18 e 43 anos, a média de idade foi de 25 anos. Estudos estimam que a população de profissionais do sexo no Brasil seja em torno de 1% da população feminina de 15 a 49 anos de idade, ou seja, aproximadamente meio milhão de mulheres⁶.

Gráfico 01: Idade referida pelas profissionais do sexo atuantes em um município na região metropolitana de Goiânia – Go.



Outro fator analisado foi a situação conjugal, na presente pesquisa 62,5% das entrevistadas não possuíam companheiros. Em outros estudos os valores encontrados foram ainda maiores, como uma pesquisa realizada no Município de Botucatu-SP, que constatou que 71,6% das Profissionais do sexo não continham companheiros fixos⁷.

A idade na qual as profissionais começaram a atuar no entretenimento sexual variou entre 16 e 41 anos. A média de idade de iniciação na prática fora de 21 anos. A vida na atividade laboral se inicia muito cedo, entre mulheres jovens, férteis e com muita vitalidade. Isto pode ser ocasionado devido as mulheres permanecem em constante, desigualdades de níveis salariais em relação aos homens e as desigualdades raciais entre as mulheres.⁸

A prática também é exercida por mulheres na melhor idade, desta forma o

envelhecimento não constitui tornar-se assexuado, contudo existem mitos e tabus socioculturais quando se discute o assunto sexualidade na terceira idade, onde os idosos são inibidos a desempenharem sua vida de maneira integral, uma vez que as modificações fisiológicas do envelhecimento, princípios religiosos, opressões familiares e exterioridades individuais fortalecem esse estigma social mas não os impedem de fazer.⁹

A escolaridade apresentada pelas profissionais do sexo fora: em sua grande maioria (55,5%), exibiram ensino médio incompleto, 27,8% ensino fundamental e 5,5% superior incompleto.

A baixa escolaridade, somada às dificuldades financeiras ou à pobreza absoluta, integram os obstáculos que quase são intransponíveis para a integração das profissionais do sexo no mercado oficial de trabalho. Para aquelas que pertencem às camadas sociais mais baixas, as perspectivas de mudança de atividade laboral, ainda são menos viáveis em virtude da baixa (ou nenhuma) escolaridade e à falta de qualquer qualificação profissional.¹⁰

Foi perguntado ao grupo em estudo sobre a naturalidade destas mulheres, foram encontrados os seguintes resultados: 50% são naturais do Estado de Goiás, seguido pelo o estado da Bahia 5,6% e do Maranhão 5,6%.

A vulnerabilidade econômica destes estados favorecem práticas como a prostituição como fonte de renda, e também são ocasionados pelo Êxodo rural devido à falta de uma política agrícola que mantenha o homem no campo, assim quando são confrontadas com a realidade dos grandes centros urbanos, carecido pela falta de instrução, o entretenimento sexual se torna uma das fontes mais convidativas e de retorno rápido para estas mulheres logo o turismo é um grande consumidor desta prática.¹¹

Ao indagar sobre a forma pela qual as profissionais do sexo se reconhecem na prática laboral em que se encontravam, a grande maioria se definiu como acompanhante, representando 55,5% seguido por 27,7% que se consideravam garotas de programa, 11,3% como profissionais do sexo e em minoria 5,5% como prostitutas. A grande maioria refere-se que o termo prostituto é um termo pejorativo que denota preconceito, agressividade e desvalorização perante a sociedade.

A diversidade da forma de reconhecimento se dá devido a marginalização que se tem em consonância ao estigma presente na prostituição que são fundamentadas por preconceções demudados em expectativas normativas, definindo-se como exigências sociais apresentadas de forma rigorosa.¹²⁻¹⁴

O tempo de permanência é um fator importante para mostrar o período de vulnerabilidade. Sendo assim, das profissionais que exerciam a profissão há um ano, representaram 16,6%, a há dois anos 16,6%, há três anos 27,7%, há quatro anos 11,3%, há mais de quatro anos 16,6%. O tempo de profissão das profissionais atuantes na prostituição tem uma média de três anos. Sendo que o tempo varia entre seis meses e de 17 anos.

Outro fator pesquisado fora os valores cobrados por atendimento, que variaram entre 70 e 500 reais. Os atendimentos cobrados no valor de até 100 reais representaram 22,2%, de 100 até 350 reais conceberam 50% da amostra e os atendimentos acima de 500 reais ou mais, representaram 5,5%.

De acordo com as profissionais do sexo, 50% das mesmas não estão satisfeitas com a remuneração. Vários fatores que interferem na remuneração mensal destas profissionais do sexo pode ser determinantes ao preço do atendimento, como à idade, a quantidade de dias que trabalham, o percentual de atendimentos por dia e as práticas que serão realizadas durante o ato.

Nos atendimentos, o uso do preservativo se torna uma forma eficaz na prevenção das IST's. Das entrevistadas 72,2 relataram usar o preservativo em todos os atendimentos, seguido por 22,2% das profissionais que as vezes utilizam, e 5,6% não fazem o uso de preservativo.

Por lidarem com diversos parceiros com histórico sexual desconhecidos, as profissionais do sexo devem ter um maior cuidado quando associado ao uso de preservativos e logo a prevenção, pois estão sujeitos a maior risco de aquisição de IST's.¹⁵

Foi perguntado se tais profissionais do sexo têm parceiros fixos e sobre o uso de

preservativos com os mesmos. Verificou-se que 55,5% dessas mulheres não tinham parceiro fixo, seguido de 44,5% das profissionais que cotiam.

Das profissionais em estudo que relataram terem parceiros fixos, 38,8% não responderam se usam preservativo com o parceiro, seguido de 27,8% que usam e não usam preservativos com o parceiro fixo e apenas 5,6% das profissionais relataram usar o preservativo as vezes com o parceiro. A maioria das profissionais que relataram terem parceiros fixo revelam que escondem a profissão para os próprios.

Nas relações amorosas no caso das mulheres com parceiros fixos há uma tendência a não utilização de preservativos devido as ações preventivas serem relacionadas a fidelidade do parceiro fixo com relacionamento seguro. De modo geral a confiança no parceiro se dá através do grau de envolvimento no ato sexual.¹⁵ O não uso de preservativos durante a prática sexual é um fator de preocupação para o Sistema Único de Saúde (SUS), devido ao grande risco de disseminação de IST's.¹⁶

Quando indagadas sobre o uso de álcool e outras drogas, percebeu-se que 38,9% das profissionais fazem uso destas substâncias. As profissionais que relataram não usar correspondem a 38,9% da amostra seguindo de 11,2% que usam frequentemente associado aos atendimentos.

Estudos demostram que o número de parceiros sexuais, início precoce da atividade sexual, prática do sexo sem segurança e situações associadas como consumo de drogas lícitas e ilícitas são fatores de risco para contrair uma IST.¹⁷

Em relação às IST's adquiridas por tais profissionais, 83,3% não responderam essa questão. As que relataram ter adquirido candidíase correspondem a 5,5%. A candidíase consiste em uma infecção causada por fungos que habita a mucosa vaginal e digestiva, que cresce quando o meio se torna favorável para o seu desenvolvimento, associada a fatores de risco.¹⁸

As profissionais do sexo relataram ter adquirido clamídia correspondem a 5,6%, esta IST e ocasionada pela bactéria *Chlamydia trachomatis* que causa um grande impacto no sistema reprodutor feminino.¹⁹

Em relação a ocorrência de sífilis, correspondeu em torno de 5,6% das profissionais atuantes. A sífilis é uma doença sistêmica, causada pela bactéria *Treponema pallidum*. Tem como principal via de transmissão o contato sexual, seguido pela transmissão vertical e por transfusão sanguínea.²⁰

Diante do exposto, fica evidente que incentivar a prevenção das IST's, por meio do uso constante de preservativo é a melhor opção, pois, tais profissionais estão em idade fértil, portanto são necessários programas de prevenção efetivos pautados em ações educativas e discussões a respeito da sexualidade, garantindo o conhecimento dessas doenças e dos métodos de prevenção.²¹

O uso associado do preservativo com a Profilaxia Pré-Exposição de risco à infecção pelo HIV (PREP) e uma boa alternativa para este público devido ao histórico sexual desconhecido da clientela. Em tese a indicação para o mesmo se baseia na associação de medicamentos antirretrovirais (ARV), por pessoas que não estão infectadas com HIV, para reduzir os riscos de contágio através de relações sexuais. Esses medicamentos irão bloquear o ciclo de multiplicação do HIV, assim impedindo a infecção no organismo. Seu efeito terapêutico/profilático se dá após 7 dias do início de seu uso na mucosa anal e 20 dias na mucosa vaginal, também sendo de grande importância ressaltar que este método não protege contra outras IST'S .Os Profissionais do sexo são um público recomendado para a utilização do mesmo, por repetidas vezes, terem relações sexuais (anais ou vaginais) sem usar camisinha ou por apresentem IST's constantemente.²²⁻²³

Em relação ao conhecimento das IST's as profissionais relataram que

conhecem: HIV, Gonorreia, AIDS, Cancro mole, Hepatite, HPV, Candidíase, Clamídia, Linfogranuloma venéreo, Tricomoníase. Quando foram questionadas se as mesmas obtinham o conhecimento para a identificação de sinais e sintomas para a identificação destas infecções 66,6%, desconhecem tais sinais entreposto a 33,4% que conseguem identificar.

Entendemos que a grande maioria não conseguiu perceber inicialmente sinais de uma IST desta forma inviabiliza a procura de um tratamento precoce e logo possibilita o aumento constantes ao risco das comorbidades.²⁴

Em relação a procura e os exames de prevenção feitos nas Estratégias Saúde da Família (ESF) 55,5% procuram as unidades e 61,1%, das profissionais relataram sobre a frequência anual dos mesmos seguido de 27,7% que fazem duas vezes ao ano, 5,5% a cada dois anos e todos os meses 5,7%.

O alto exame e avaliação preventiva por profissionais de saúde são de extrema importância para detecção de qualquer tipo de alteração no organismo, sendo assim a prática deve ser realizada pelas as profissionais logo as mesmas devem fazer exames periódicos, afim de detectar precocemente as IST's.²⁴

Sobre os meios de esclarecimento de dúvidas em sua maioria procuram os serviços médicos, amigos, colegas de profissão, membros familiares ou recorrem meios digitais como a internet. Apesar de serem um grupo que necessita de orientações para uma prática sexual mais segura, muitas vezes eles não são sensibilizados com as estratégias oferecidas nos serviços de saúde.¹⁵

A mulher que se prostitui pode acabar com a harmonia de muitas famílias, além do alto risco de contaminação e disseminação de doenças. Quando perguntadas se elas sofrem discriminação, 61,2% das profissionais relataram não sofrer discriminação, porém, relatos nos fazem pensar que o possível fato delas não sofrerem discriminação se dá ao sigilo da profissão.

As profissionais que relataram sofrer discriminação por causa da profissão na prostituição são de 38,8% das profissionais. Elas disseram sofrer agressão física, verbal e psicológica. Apesar de existirem indicadores de ausências ou diminuição da violência física nas áreas de prostituição abrangidas pela ação das associações de classe e/ou organizações não-governamentais (ONG's), esse ainda é um elemento fortemente associado à profissão. A intensidade e a frequência de práticas que permanecem impunes contribuem para que a violência seja considerada, pelas profissionais do sexo, como o maior perigo enfrentado no cotidiano.^{10,24-25}

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As profissionais do sexo entram muito cedo nessa profissão, pois é na idade jovem que elas conseguem uma melhor remuneração por sua vitalidade. O nível de escolaridade é precário facilitando ainda mais a aceitação de trabalhos insalubres como o mesmo desta forma.

Programas de prevenção pautados na saúde coletiva devem ser melhores direcionados a estas mulheres, visto que as mesmas atendem um grande quantitativo de pessoas, que buscam o entretenimento sexual podendo serem focos, de disseminação de IST'S, e logo comprometendo a sua longevidade e favorecendo o desenvolvimento de comorbidades.

REFERÊNCIAS

1. Ceará. Secretaria da Saúde do Estado. Saúde reprodutiva e sexual: um manual para a atenção primária e secundária (nível ambulatorial). Fortaleza; 2002.
2. Bloch O, Wartburg W. Dictionnaire Etymologique de La Langue Française.1 ed. Paris: P.U.F., 1932.
3. Ribeiro D. **O povo Brasileiro**.1. ed. São Paulo: Companhia das letras; 1995.
4. Coutinho, LM. Nas Asas do Cinema e da Educação: vôo e desejo. Educação & Realidade [Internet]. 2008;33(1):225-238. Recuperado de:<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=317227051017>
5. Brasil. Portaria nº 397, de 09 de outubro de 2002. Aprova a Classificação Brasileira de Ocupações - CBO/2002, para uso em todo território nacional e autoriza a sua publicação. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Brasília (DF); 09 out 2002
6. Damacena GN, Szwarcwald CL, Barbosa Júnior A. Implementation of respondent-driven sampling among female sex workers in Brazil, 2009. Cad Saúde Pública 2011; 27 Suppl 1:S45-55.
7. al Pogetto MR. Prevalência das doenças sexualmente transmissíveis em mulheres profissionais do sexo do município de Botucatu/SP dissertation. Botucatu: Faculdade de Medicina de Botucatu, Universidade Estadual Paulista; 2010.
8. Martins BB. Mundo do trabalho, gênero e políticas públicas: o papel do feminismo estatal nessa relação. Revista de Políticas Públicas.2018;22(2):1122-1138.
9. Araújo BJ, Sales CO, Cruz LFS, Moraes-Filho IM, Santos OP. Qualidade de vida e sexualidade na população da terceira idade de um centro de convivência. Rev. Cient. Sena Aires. 2017; 6(2): 85-94.
10. RIBEIRO, N. C. O trabalho das prostitutas que residem em casas noturnas: uma perspectiva psicodinâmica. Goiânia-Go. Dissertação [Mestrado em Psicologia] Programa de Pós-graduação em Psicologia Social, do Trabalho e das Organizações. Pontifícia Universidade Católica de Goiás; 2010
11. Dantas NGS, Melo RS. O método de análise SWOT como ferramenta para promover o diagnóstico turístico de um local: o caso do município de Itabaiana / PB. Caderno Virtual de Turismo.2008;8(1): 118-130.
12. Goffman E. Estigma: Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. 1.ed. Rio de Janeiro: LTC;1988
13. Russo G. 2007. No labirinto da prostituição: o dinheiro e seus aspectos simbólicos. Caderno CRH. 2007; 20(51): 497-514. <https://dx.doi.org/10.1590/S0103-49792007000300009>
14. Burbulhan, F, Mendes Guimarães, R, Alves de Toledo Bruns, M. DINHEIRO, AFETO, SEXUALIDADE: A RELAÇÃO DE PROSTITUTAS COM SEUS CLIENTES. Psicologia em Estudo [Internet]. 2012;17(4):669-677. Recuperado de:<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=287126870013>
15. Aquino Priscila de Souza, Nicolau Ana Izabel Oliveira, Moura Escolástica Rejane Ferreira, Pinheiro Ana Karina Bezerra. Perfil sociodemográfico e comportamento sexual de prostitutas de Fortaleza - CE. Texto contexto - enferm. [Internet]. 2008 Sep [cited 2019 June 08] ; 17(3): 427-434. Available from: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-07072008000300003&lng=en. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-07072008000300003>.
16. Figueiredo R. Contracepção de emergência no Brasil: necessidade, acesso e política nacional. Revista de Saúde Sexual e Reprodutiva. [periódico on-line]. 2004 set [citado 20019 jun 08]. Disponível em: <http://www.ipas.org.br/revista/set04.html>
17. Passos ADC, figueiredo JFC. Fatores de risco para doenças sexualmente transmissíveis entre prostitutas e travestis de Ribeirão Preto, SP, Brasil. Rev. Panam. salud pública.2004;16(2): 95-101.
18. Araújo, MAL, Silveira, CBd. VIVÊNCIAS DE MULHERES COM DIAGNÓSTICO DE DOENÇA SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEL - DST. Escola Anna Nery Revista de Enfermagem [Internet]. 2007;11(3):479-486. Recuperado de: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=127715309013>
19. Botelho C, Tomaz C, Cunha R, Botelho M, Botelho L, Assis D, Pinho D. Prevalence of diseases screened by a pregnancy protection program of the State of Mato Grosso do Sul, Brazil, 2004 -2007. RPT [Internet]. 2009Mar.5 [cited 2019Jun.8];37(4):341-54. Available from: <https://www.revistas.ufg.br/iptsp/article/view/5666>
20. BRASIL. Ministério da Saúde. Sífilis: Estratégias para Diagnóstico no Brasil. Brasília: Ministério da Saúde, Coordenação de Doenças Sexualmente Transmissíveis e Aids. 2010. 100 p. (Série TELELAB).
21. Oltramari LC, C BV. (2004). Representações sociais de profissionais do sexo sobre prevenção de doenças sexualmente transmissíveis e contracepção. Psicologia: teoria e prática.2004; 6(2):75-87. Recuperado em 08 de junho de 2019, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-36872004000200007&lng=pt&tlng=pt.

22. Queiroz Artur Acelino Francisco Luz Nunes, Sousa Alvaro Francisco Lopes de. Fórum PrEP: um debate on-line sobre uso da profilaxia pré-exposição no Brasil. Cad. Saúde Pública [Internet]. 2017Nov [cited2018Nov01];33(11): e00112516.<http://dx.doi.org/10.1590/0102-311x00112516>.
23. Moraes-Filho IM, Nery MRT, Santos SS, Félis KC, Frasca LLM, Santos OP. A importância do método de prevenção à infecção por hiv denominado de prep -profilaxia pré-exposição ao HIV.Rev Inic Cient Ext.2018; 1(Esp.5):405-6
24. Nichiata LYI, Val LF, Abdalla FT de M. Pesquisa-Ação no Enfrentamento das IST/HIV/AIDS na Atenção Primária à Saúde. Fronteiras: Journal of Social, Technological and Environmental Science [Internet]. 27nov.2014 [citado 8jun.2019];3(3):179-96. Available from: <http://periodicos.unievangelica.edu.br/index.php/fronteiras/article/view/913>
25. Querino MS, Almeida SS, Oliveira SCS, Moraes-Filho IM. Ações da equipe de enfermagem na implementação da política de lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais- revisão de literatura. Rev. Cient. Sena Aires. 2017; 6(1): 46-58.

Recebido em: 22/12/2018

Aceito em: 28/02/2019